

## 5

### Conclusão Geral

Uma vez que ao final de cada capítulo apresentamos uma conclusão referente ao conteúdo dos mesmos, aqui, à guisa de conclusão geral, sublinharemos as questões que consideramos de maior importância em nossa pesquisa. Daí convém retomarmos a importância da unidade entre teologia e espiritualidade, mormente no Ocidente. Isso porque, como vimos, durante boa parte da história da Igreja e da teologia vivemos sob a insígnia do divórcio entre essas duas realidades. O que causou e ainda causa enormes transtornos tanto a inteligência da fé (teologia), quanto à vivência concreta da mesma (espiritualidade).

Fica para nós estudantes de teologia, teólogos e teólogas a premente necessidade de reatar essa relação tão fecunda, tão salutar a ambas as realidades. Nossa pesquisa se insere exatamente aí, no desejo de ser uma pequena contribuição a essa temática tão importante e que toca no núcleo rígido de nossa fé. Para que fosse possível o correto diagnóstico dessa relação tivemos que percorrer dois caminhos para melhor enxergarmos essa relação de oposição-exclusão que, via de regra, se estabeleceu na maneira de se fazer teologia no Ocidente. Foi necessária uma abordagem que partisse da realidade hodierna, para então voltarmos até a gênese do divórcio entre teologia e espiritualidade.

A primeira abordagem de caráter mais epistemológico nos fez ver as nefastas conseqüências do paradigma racionalista cartesiano, que teima em dar as cartas em pleno século XX, por mais que estejamos vivendo no seio da crise desse paradigma. Contudo, como pudemos ver, a superação desse paradigma ainda não se deu. Na verdade, vivemos em meio às tentativas de superação do mesmo. Fruto das crises instauradas desde o primeiro quartel do século passado.

A chamada “pós-modernidade” emerge como “situação de crise” diante desse paradigma moderno-iluminista. Vimos que o importante – e esse nunca foi o intuito de nossa pesquisa – não é ficarmos presos a discussão do termo-conceito mais adequado a essa nova sensibilidade cultural. Se vivemos na “pós-modernidade”, “modernidade líquida”, “hipermodernidade”, “modernidade

tardia”, “alta modernidade”, não é tão importante, quanto perceber as reais características basilares dessa nova sensibilidade. E acima de tudo, tentar ver com coragem como essa sensibilidade interpela os cristãos, os teólogos e teólogas a que repensem suas agendas. E então, façam uma checagem à fundo na linguagem usada pelo discurso inteligente da fé e percebam o que precisa ser mudado, repensado, transformado, para que os temas da fé sejam melhor comunicados a atual geração.

Chegamos à conclusão que o atual estatuto epistemológico iluminista que ainda transpassa boa parte do pensamento ocidental – e a teologia não foge a regra -, precisa ter sua morte decretada a fim de que haja uma verdadeira “ressurreição epistemológica” no Ocidente, incluindo a epistemologia teológica. E assim um “novo paradigma”, mais holista, integral, mais verdadeiramente interdisciplinar e quiçá transdisciplinar, surja trazendo novos ares, oxigenando a atual história do pensamento ocidental e mais especificamente a teologia cristã.

Todavia, nenhum “novo paradigma”, em se tratando de teologia cristã, poderá emergir sem levar em consideração a premente necessidade de um “novo romance” – uma nova unidade – entre teologia e espiritualidade. Concluímos que a relação fecunda entre teologia e espiritualidade deverá fazer parte desse “novo paradigma”, se o mesmo quiser manter-se fiel à revelação evangélica e relevante diante da atual conjuntura cultural.

A teologia é convocada a ser, também, fonte de resposta às questões existenciais, de sentido para a vida de homens e mulheres desse início de milênio. Ao levar a sério o “terreno fértil” da espiritualidade como *locus* privilegiado, estaremos não só mais próximos da verdade evangélica, mas sendo olhados com especial deferência diante do mundo carente de significado para a vida.

Uma teologia que se deixa encharcar do Espírito, sob o real influxo do mesmo, do Espírito que nos faz encarar o real e nos comprometer com a práxis evangélica do amor-serviço, da solidariedade, da fraternidade dos valores espirituais. Esse mesmo Espírito há de colocar nossos “pés de teólogos(as)” no chão. Então, para o bem da fé cristã e dos seres humanos que são alvo do amor incondicional de Deus, seremos cada vez mais percebidos como discípulos do Mestre de Nazaré, o grande mestre dos sentidos, do sentido para a vida.

Será essa, portanto, uma teologia sempre numa dinâmica de encarnação, uma teologia em *kénosis*, que se encarna concretamente na realidade do mundo e o enriquece a partir dos valores do Reino de Deus, do Evangelho de Jesus Cristo. Que venhamos a ter uma dinâmica teológica mais rica e a espiritualidade é *conditio sine qua non* para que tal realidade aconteça. Espiritualidade cristã transpassando a teologia no seu núcleo rígido, dando cheiro de vida à mesma, desapegando-a das elucubrações metafísicas, especulativas, sem apego ao chão da história.

Para tanto, vimos como Karl Barth, com sua rica metodologia teológica, pode e deve ser creditado como um daqueles “teólogos-profetas” que tem a palavra oportuna no *kairós* da história de Deus com os seres humanos. A teologia de hoje fará muito bem se parar para ouvir a voz impregnada de sabedoria do teólogo de Basileia, principalmente em sua fase de maior maturidade teológica. Um teólogo que em sua vida colocou em prática a unidade entre teologia e espiritualidade. E, por isso, e por tantos outros motivos deve ser olhado como paradigma de integração. Daqueles que - e cada um de nós já o pôde experimentar - , ao falarem, ministrarem suas aulas ou mesmo ao escreverem, nos impregna do Mistério. Entretanto, do lado de cá do mundo, abaixo da linha do equador, mais ao sul, especificamente em terras latinas, outro importante paradigma de integração deve ser percebido por nós. Uma “nova” maneira de se fazer teologia. Mais atenta à realidade latino-americana, de um continente marcado pela morte, pela pobreza, pela opressão, marginalização, sendo urgente a volta ao tema da libertação em fidelidade a tradição bíblico-libertadora.

Fica para nós o desafio e a tarefa de cooperarmos, servindo em nossas comunidades, as pessoas que passam por nós, lembrando o caráter comunitário-ecclesial da teologia e sua função pedagógico-libertadora, educando para a liberdade e como prática da liberdade, como diria Paulo Freire. Investindo numa melhor formação do povo de Deus, simultaneamente escrevendo artigos, livros, monografias, palestras, conferências, escrevendo teses, dissertações, que toquem a fundo na impossibilidade de se fazer teologia sem uma rica espiritualidade e de viver uma rica espiritualidade sem discernimento crítico-teológico. É nossa intenção continuarmos em nossa peregrinação teológico-pastoral vivendo e fomentando esse romance entre teologia e espiritualidade.